

Divulgação



O ator Brad Pitt produziu o longa de US\$ 32 milhões que a TV Brasil exibe neste sábado

A colheita agora é na TV aberta

Divulgação

TV Brasil exibe neste sábado 'A Árvore da Vida', que deu a Palma de Ouro ao diretor Terrence Malick, ampliando sua aura cult de filósofo da imagem

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cotado para a Berlinale, cuja 75ª edição está agendada de 13 a 23 de fevereiro na Alemanha, com "The Way of the Wind", sobre a vida de Jesus Cristo, Terrence Frederick Malick, hoje com 81 anos, vai abrir o ano cinematográfico da TV Brasil, principal emissora educativa do país, com o longa-



O diretor Terrence Malick, avesso a badalações, em raro clique

-metragem que lhe valeu a Palma de Ouro do Festival de Cannes: "A Árvore da Vida". Às 15h30 deste sábado (com reprise na madrugada de domingo, às 3h30), a TV aberta vai receber a produção de US\$ 32 milhões que ampliou o prestígio do realizador.

Produzido e estrelado por Brad Pitt,

esse drama metafísico é centrado na essência (ora violenta, ora conciliadora) dos seres humanos, estruturado a partir de um diálogo diretor com o Altíssimo. Sua bilheteria beira US\$ 58 milhões, arrecadados pelo mundo afora, em paralelo à indicação do cineasta (um ermitão avesso a fotos e aparições públicas) ao Oscar de melhor direção de 2012. Existe uma segunda versão, director's cut, ainda maior do que a metragem vista em solo cannoise, com 2h20, que foi exibida no Festival de Veneza, em 2018, com 188 minutos.

A revisão que as/os programadoras/es da TV Brasil propõem para este fim de semana é a partir do que se viu e do que se aplaudiu em Cannes, quando Robert De Niro foi o presidente do júri do evento. Foi com "A Árvore da Vida" que Jessica Chastain despontou para os holofotes de Hollywood, no papel de uma mãe protetora que tenta resguardar um de seus filhos, Jack (Hunter McCracken, quando jovem; Sean Penn, quando adulto) da ferocidade silenciosa de seu pai exigente, o Sr. O'Brien, vivido por Pitt.

Amparado no arrojo da fotografia do

mexicano Emmanuel Lubezki, Malick professa na tela uma homilia espiritualista: a tese de que a Natureza está acima da vontade dos homens. Em Malick, a Natureza é a onipotência em estado puro, só que esta é tratada a partir de contornos messiânicos, num reflexo de sua formação pelo transcendentalismo, expresso em ensaístas como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. O ideal transcendental desses autores escorre por Malick, lido à luz e ao ethos do Romantismo, seja pela evasão (no tempo, no espaço) seja pelo tratamento quase divino dado ao Amor.

Analista da dicotomia entre inocência e hipocrisia, Malick sempre arquiteta tomadas belíssimas da natureza, como os campos de trigo de "Cinzas no Paraíso", de 1978. Aposta em reflexões existenciais, abundantes no recorte que fez da Segunda Guerra em "Além da Linha Vermelha", pelo qual ganhou o Urso de Ouro em 1999. Filma a partir de licenças poéticas atípicas em Hollywood, vide a discussão moral sobre a América dos anos 1600 de seu "O Novo Mundo", de 2005. Outra marca do cineasta: a cada filme que roda, uma multidão de astros do mais alto quilate se oferece a trabalhar para ele a cachês módicos. Na estreia de "A Árvore da Vida", Sean Penn chegou a dizer que não havia entendido bem o roteiro, mas que valia encará-lo para estar como um mestre daquele porte ao seu lado.

Mesmo nos trabalhos em que foi recebido com frieza ou desdém, vide "Amor Pleno" (2012) e "Cavaleiro de Copas" (2015), Malick continuou atraindo estrelas e continuou sendo respeitado como um artesão da imagem. Recebeu o prêmio do júri ecumênico de Cannes, em 2019, por seu "Uma Vida Oculta", também controverso.

Até o mais ácido cronista do cinema americano, o jornalista Peter Biskind, autor de "Easy Riders, Raging Bulls – Como a Geração Sexo-Drogas-Rock'n'Roll Salvou Hollywood", foi capaz de render elogios ao diretor em uma entrevista de 2011. "Depois de ter desafiado as convenções de roteiro dos EUA, Malick desapareceu, para se dedicar a dar aulas de Filosofia, o que muitos interpretaram como uma recusa de se submeter aos vícios de Hollywood. Certo ou errado, Malick virou um marco de integridade artística".

Durante anos a fio, o cineasta filmou com hiatos enormes. Mas, a descoberta das câmeras digitais alimentou seu gosto por voltar aos sets ou de remexer em imagens de arquivo. Agora, ele faz um longo atrás do outro. Ainda retoma a colheita de sua "Árvore" cultuada sempre que pode.